

6 Conclusões

O capítulo 5 do nosso trabalho explicitou algumas semelhanças e diferenças importantes entre Santo Tomás e Paul Ricoeur, no que diz respeito à relação entre metáfora e filosofia. A comparação entre as duas perspectivas se revelou de grande eficácia para refletir sobre o tema central da nossa pesquisa, que na *Introdução* do nosso trabalho resumíamos pela pergunta: *é capaz, a linguagem metafórica ou poética, de dizer a verdade?*.

Agora podemos responder afirmativamente a tal pergunta. Em primeiro lugar porque, tanto em Santo Tomás quanto em Paul Ricoeur, é reconhecido à linguagem poética um valor especulativo, relacionado ao ‘ver como’ implicado na predicação metafórica.

O tema de fundo ao qual dedicamos nossa atenção, no aprofundamento do valor especulativo da metáfora, é a relação entre a imagem sensível e o sentido do poema. A semelhança principal entre os dois autores é a abordagem do “ver como” enquanto pensamento e experiência. A diferença fundamental está em que, enquanto Ricoeur limita o ‘ver como’ ao ato de ler, realizando um esforço por garantir o caminho que vai do sentido à imagem sensível, Santo Tomás admite o duplo caminho que vai da imagem sensível (do poeta) ao sentido e do sentido à imagem sensível (do leitor).

Essa diferença tem a sua origem última em concepções diferentes da experiência, da imagem e do seu papel no conhecimento das coisas, conforme explicitamos ao longo do trabalho.

Para Santo Tomás o poeta quer comunicar algo objetivo ao leitor e o leitor é capaz de recebê-lo. O sucesso de tal comunicação depende da virtude da prudência, que aperfeiçoa a razão particular (ou *cogitativa*), tanto do poeta quanto do leitor. Essa prudência, que permite captar a intencionalidade dos objetos da percepção, só pode ser adquirida pela experiência. Quanto mais perceptivamente

maduros, mais eficazes serão o poeta na comunicação do objeto e o leitor na recepção do mesmo.

Para Ricoeur o poema é um esquema vazio, uma receita para construir imagens, cujo preenchimento será trabalho do leitor. As imagens do leitor não visam a recepção de algo comunicado pelo poeta, mas descobrir/inventar semelhanças entre as coisas. O valor especulativo do poema não está relacionado com a adequação ao projeto do poeta¹, mas com sua eficácia para significar as coisas em ato; as metáforas continuadas ou redes metafóricas não são uma simples cópia do real, mas um enriquecimento icônico do mesmo. Tal concepção tem sua origem em uma particular interpretação da *mimesis* como imitação criativa das ações humanas, que visa restituir às mesmas a harmonia e a ordem perdidas na vida ordinária.

Ricoeur afirma que o ‘ver como’ é metade pensamento e metade experiência. Não se trata porém, de uma experiência que ensine, em virtude de uma particular estrutura intencional do real (visão de Santo Tomás), mas uma experiência do real cuja estrutura é inacessível ao leitor, e que, por tanto, ele mesmo terá que construir por um trabalho de pensamento. Nisto consiste o impulso de ‘pensar mais’ que a poesia é capaz de dar à filosofia.

É possível então afirmar, com base em Santo Tomás e Paul Ricoeur, que a metáfora possui valor especulativo, que não é apenas um ornamento do discurso, ainda que tal afirmação receba explicações diferentes em cada um. Embora possamos encontrar em Santo Tomás uma valorização da linguagem imagética da poesia pelo impulso que dá ao pensamento (*S. Th.* I, q. 9), o valor especulativo da poesia radica para ele, principalmente, em sua capacidade para comunicar um objeto intencional, cuja contemplação marca o início da produção poética e cuja origem mediata é a realidade extra-mental. Para Paul Ricoeur, pelo contrário, o valor especulativo do poema deve ser procurado em sua articulação interior e em seu poder explicativo do real, a través do ‘ver como’: não são as semelhanças das coisas que possibilitam o ‘ver como’, mas o ‘ver como’ é que as descobre/inventa.

¹ Este projeto é elaborado pela razão particular como uma maneira certa de comunicar, pela disposição das idéias, imagens e palavras que configuram a matéria do poema, o objeto do mesmo, em cuja contemplação inicia a criação poética. O objeto é, na visão de John Duffy, intérprete de Santo Tomás, uma idéia exemplar. Mas não é uma idéia qualquer, senão uma idéia eficiente, que, pela sua beleza intrínseca é capaz de mover a vontade do poeta a criar.

Um segundo caminho tomado para responder à pergunta principal do nosso trabalho, sobre a capacidade da linguagem poética ou metafórica para dizer a verdade, foi o da relação da poesia com a ontologia. A afirmação de tal relação é uma defesa do caráter não arbitrário da predicação metafórica. Novamente, tal relação é abordada de maneira diferente por Santo Tomás e Paul Ricoeur, embora com importantes semelhanças.

A semelhança mais importante é a afirmação da relação entre poesia e ontologia, que em Santo Tomás se expressa na íntima relação entre analogia, participação e causalidade sobre a qual se apoia sua metafísica. A analogia é nele a semântica da participação. Portanto, também a poesia (mas não principalmente a poesia, senão a filosofia) dá testemunho, no nível da linguagem, da participação dos entes no ato de ser. O fundamento ontológico a analogia de proporcionalidade metafórica é, em Santo Tomás, a causalidade exemplar equívoco-virtual. Dessa maneira, também as perfeições operativas ou materiais, implicadas na predicação metafórica, tem a sua origem última em Deus, que é a causa da sua realização nas criaturas, não diretamente, mas através das idéias divinas. A causalidade exemplar é uma das dimensões da causalidade eficiente e, por tanto, o fundamento último de toda perfeição (inclusive das operativas, materiais e não apenas das perfeições puras), é a comunicação do ato de ser, que é recebido por cada ente como primeira atualização da essência.

Um elemento comum que identificamos entre Ricoeur e Santo Tomás, é precisamente a sensibilidade face à questão do ser como ato. Com efeito, para Ricoeur metaforizar é significar as coisas em ato, o que significa captar as coisas como não impedidas de advir. Para Ricoeur, a analogia do ser tomista é uma das tentativas na história da filosofia da explicação desse advento. Tal explicação consiste na complementariedade entre as analogias de atribuição e proporcionalidade. A analogia de proporcionalidade focaliza a realização intrínseca das perfeições em todos analogados, de maneira proporcionada à essência de cada um. A analogia de atribuição focaliza a ordem existente entre os analogados e o primeiro analogado como o que realiza mais plenamente a perfeição e é causa da perfeição no resto dos analogados. Deus, o primeiro analogado de toda perfeição pura, é a causa eficiente de todos os entes, da sua passagem da potência ao ato, do advento do seu ser. A comunicação íntima do ato

de ser implicada na causalidade criadora é em Santo Tomás o lugar do que Ricoeur chama a geração do que cresce.

A principal diferença identificada entre ambos autores é a maneira como relacionam linguagem e ontologia². No caso de Santo Tomás, é claro que o ponto de partida é ontológico. A linguagem está ao serviço da expressão de uma particular estrutura do real. Nesse sentido, como foi dito, a analogia é a ‘semântica da participação’. No caso de Ricoeur, o ponto de partida é uma reflexão fenomenológica sobre a linguagem. Através dessa reflexão, Ricoeur chega ao paradoxo da convivência entre o ser e não ser no discurso poético (a tensão característica da enunciação metafórica, suportada pela cópula é). Este paradoxo, pela sua fecundidade especulativa, é o ponto de encontro entre ontologia e poesia. A ontologia busca dar uma resposta ao mesmo com as noções de ato e potência, que explicam o ‘vir a ser’ dos entes e ajudam também a entender o ‘significar as coisas em ato’ do discurso poético.

Uma afirmação de Ricoeur pode ajudar a entender sua principal diferença com Santo Tomás. Ele afirma: ‘Se algo é dito, é porque algo existe’. A postura de Santo Tomás poderia ser formulada em sentido inverso: ‘Porque algo existe, algo pode ser dito’. A ontologia é em Santo Tomás fundamento e em Paul Ricoeur o ponto de chegada para um estudo da linguagem, incluída a poética.

Passamos agora a explicitar algumas questões para futuros aprofundamentos:

- 1) Embora fomos capazes de encontrar uma defesa do valor especulativo e de uma ontologia coerente (seja como fundamento, seja como ontologia explícita) com a linguagem poética, a reflexão sobre o valor especulativo da poesia levantou questões complexas, relacionadas com a teoria do conhecimento que dá sustento às posturas de ambos autores. No estudo de Ricoeur, é evidente em vários momentos sua filiação ao pensamento de Kant. No desenvolvimento do nosso trabalho, foi importante nesse sentido a contribuição de Cornelio Fabro, em quem encontramos uma comparação entre o que ele chama esquematismo a posteriori tomista e esquematismo a priori kantiano. A nossa passagem por estes temas foi,

² As reflexões de Ricoeur no final de “A metáfora viva” referem-se à relação entre linguagem e ontologia, devido a que, para ele a origem da linguagem se encontra em uma metaforicidade inicial, hipótese mais radical da obra, segundo o autor.

porém, demasiado superficial e descobrimos a necessidade de um estudo mais aprofundado nessa comparação.

- 2) Outro caminho de possível aprofundamento é marcado por algumas afinidades encontradas entre a ontologia tomista e a ontologia implícita à teoria da metáfora elaborada por Ricoeur. A complexidade do assunto merece um trabalho inteiramente, e não apenas parcialmente, dedicado a ele.
- 3) Um último possível aprofundamento é o de realizar um estudo de algumas metáforas intelectualizadas na história da filosofia. Mostrar, de maneira concreta de que maneira o aforismo filosófico, de acordo com Ricoeur, não é o fruto automático da morte da metáfora, mas exige o trabalho de pensamento por parte do filósofo.